

UCRÂNIA E RESSACA

Por Olivier Dujardin*



Artilharia russa disparando (Sergei Bobylev/Tass).

Enquanto os meios de comunicação não aceitarem a realidade ou análises diferentes de seus desejos, continuarão a sofrer de “ressaca”.

“Os especialistas da TV, tendo cantado durante todo o verão, ficaram muito desamparados quando surgiram as evidências.”

Claro que esta piada é um pouco reducionista porque nem todos disseram as mesmas coisas, longe disso; mas apesar de tudo, o discurso mais difundido foi o mesmo. Entre os possíveis resultados da contraofensiva ucraniana mencionados pelos “especialistas”, dois foram apresentados como praticamente “certos” e um terceiro foi mencionado de forma puramente superficial, por parecer tão improvável.

Estas extrapolações estão perfeitamente resumidas num artigo publicado por Philippe Gros e Vincent Turret no site do Instituto de Estudos Avançados de Defesa Nacional (IHEDN) em junho de 2023¹. O primeiro cenário defendia que esta contraofensiva causaria um colapso do lado russo (colapso aliás regularmente

¹ *Trois scénarii possibles pour une contre-offensive ukrainienne* (<https://ihedn.fr/2023/06/01/trois-scenarii-possibles-pour-une-contre-offensive-ukrainienne/>).

previsto desde o início da invasão²) uma vez rompida a primeira linha de defesa, permitindo assim uma rápida reconquista dos territórios.

O segundo cenário é o de uma vitória tática ucraniana indiscutível, recuperando novamente porções significativas de território. [...] Alcançaria um sucesso cujo alcance seria igual ou mesmo superior ao do outono passado, mas que, no entanto, não conseguiria desestabilizar todo o sistema de forças russo. É neste contexto que terminaríamos mecanicamente com uma diminuição da intensidade dos combates devido ao esgotamento dos beligerantes e ao famoso “congelamento do conflito”, pelo menos transitório, que o Ocidente antecipa, e que espera Putin e seus asseclas.

O terceiro cenário é o de um fracasso, mesmo tático, da ofensiva ucraniana. Dada a diferença no equilíbrio de poder, parece de longe o menos plausível. Em qualquer caso, levaria ao mesmo congelamento do conflito que o anterior.

Com algumas diferenças em detalhes, foi isso que encontramos em nossa mídia. No entanto, parece que é o terceiro cenário, o “menos plausível”, que hoje se concretiza. Devemos então perguntar-nos por que é que os argumentos apresentados, que defendiam as duas primeiras versões, não se revelaram tão pertinentes como esperado.

OS ARGUMENTOS

Quatro argumentos principais foram apresentados para explicar a elevada probabilidade dos dois primeiros cenários.

A força moral dos ucranianos. A sua tremenda motivação deverá permitir-lhes obter vantagem sobre o adversário, para serem mais resilientes e agressivos. Isto é algo semelhante à visão estratégica dos primeiros anos da Primeira Guerra Mundial com o “culto da ofensiva”. A força moral dos soldados teve que dominar o adversário. Contudo, se a força moral dos combatentes é algo importante, não é suficiente para vencer, mesmo ao custo de perdas muito pesadas. Sem uma boa estratégia, um nível tático suficiente, um treinamento de qualidade e equipamento adequado, a força moral parece ser uma pequena vantagem. Além disso, temos realmente a certeza de que o moral dos ucranianos está muito elevado? Os problemas de mobilização e o recente despedimento dos responsáveis pelos centros de recrutamento são indícios de que este moral talvez não esteja tão elevado e que talvez esteja superestimado³.

A extensão da frente é desfavorável aos russos. A longa frente obrigou os russos a imobilizar grande parte das suas forças para manter a linha de defesa. “Se for atravessada, se uma brecha permitir que as forças ucranianas avancem para o outro lado, os russos terão apenas meios muito limitados para organizar um novo

² https://www.lexpress.fr/monde/europe/general-michel-yakovleff-poutine-a-perdu-la-guerre-mais-il-ne-l-a-pas-encore-compris_2182214.html e <https://www.youtube.com/watch?v=jRKos14OY6o>.

³ <https://velhogeneral.com.br/2023/08/29/o-misterio-dos-efetivos-na-guerra-na-ucrania/>

sistema de defesa por trás dessa linha. Ou seja, se a barragem cede, o aparelho quebra.”⁴

Este argumento parece esquecer que, embora manter uma linha de frente tão longa exija de fato muitas tropas, isto é verdade para ambos os lados. Os ucranianos estão sujeitos às mesmas restrições que os russos e a presença nesta frente também fixa a grande maioria das brigadas ucranianas. Assim, quanto aos russos, torna-se difícil para eles concentrar tropas suficientes em um ponto para tentar romper a frente. A sua extensão é uma restrição semelhante para os dois beligerantes, especialmente porque estão, em geral, em paridade numérica.

A hipótese também pressupõe que os russos não poderiam recuar para as linhas de defesa erguidas atrás deles, como se a travessia da primeira linha implicasse a aniquilação das forças que o defendiam. Contudo, na realidade, os exércitos nunca esperam ser totalmente destruídos antes de recuar. Eles recuam assim que sua posição se torna insustentável para se restabelecerem na próxima. Isto permite limitar as perdas e garantir uma forte resistência ao longo do tempo, sacrificando relativamente pouco terreno de cada vez. O objetivo dessa tática, conhecida desde a Primeira Guerra Mundial, é desgastar o atacante nas diferentes linhas de defesa até que ele esteja exausto o suficiente para não poder mais avançar. Isto é exatamente o que as forças russas estão fazendo, não é surpreendente nem inovador, é apenas lógico.

Exaustão russa e moral baixo. “Moral baixo, suprimentos deficientes, comando incompleto e brutalidade rara, as tropas de Putin estão tão desgastadas quanto a linha atacada há 12 semanas pelos ucranianos.”⁵ De acordo com esta hipótese, é criada uma brecha no dispositivo defensivo russo que deverá conduzir a um provável desastre das suas forças.

No entanto, se o exército russo sofre de muitos males muito reais, e se nem tudo está correndo bem do seu lado, esta visão parece exagerada: se houvesse um colapso do exército russo, provavelmente já teria acontecido. Mesmo durante os reveses do outono de 2022, quando os ucranianos recuperaram muito terreno, o exército russo não entrou em colapso, manteve-se e recuperou-se atrás de novas linhas de defesa. Além disso, não devemos ignorar as dificuldades do lado ucraniano, onde nem tudo é cor-de-rosa⁶.

Superioridade ucraniana tática e de material. A ajuda ocidental, a superioridade técnica dos equipamentos entregues e o treinamento das tropas ucranianas pelos países da OTAN (nove brigadas) conferem-lhes superioridade tática contra um adversário que utiliza equipamentos cada vez mais antigos com tropas mal treinadas.

Cada nova entrega de equipamento militar é apresentada como uma mudança de jogo capaz de mudar o curso da guerra. HIMARS, tanques Leopard 2, canhões

⁴ <https://nepassubir.fr/2023/09/02/loffensive-en-ukraine-ou-peut-mener-la-percee-de-robotyne/>

⁵ *Idem*

⁶ <https://velhogeneral.com.br/2023/03/06/um-ano-depois-forcas-e-fraquezas-dos-exercitos-russo-e-ucraniano/>

Caesar, mísseis de cruzeiro Scalp/Storm Shadow, munições *cluster* e outros não mudaram a maré da guerra como anunciado. Historicamente, não existe mudança de jogo. Tal como em conflitos anteriores⁷, o modelo de armamento tem apenas um impacto reduzido nas operações. De fato, na Ucrânia, o equipamento entregue é utilizado principalmente para compensar perdas sem aumentar realmente as capacidades militares e um tanque de batalha, qualquer que seja o seu modelo, pode ser colocado fora de ação ou destruído por uma mina ou por um projétil de artilharia. Além disso, as diferenças de qualidade e desempenho dos diferentes materiais não são suficientemente significativas para, por si só, reverter a situação⁸.

Os estudos estatísticos realizados a partir de fontes abertas – principalmente pelo site ORYX⁹ – são realizados sem retrospectiva¹⁰, portanto existem certas inconsistências. Por exemplo, segundo estas fontes, entre os veículos blindados entregues à Ucrânia e os que esta apreendeu no terreno – e deduzidas as suas perdas – o país estaria praticamente no mesmo nível da Rússia em termos de tanques de batalha: 1.400¹¹ para Kiev contra 1.500 para os russos. Mas “apenas” 400 tanques estão em serviço¹², número ao qual se deve, sem dúvida, somar aqueles em reparação e manutenção, o que permitiria assegurar o volume em serviço efetivo.

Sabemos que os ucranianos estão solicitando a entrega de tanques adicionais se realmente só tiverem 400 na linha da frente; mas, se realmente têm 1.400 no total, este pedido faz pouco sentido porque não é tanto o número de tanques que constitui um problema, mas sim o número de tripulações treinadas. No início da guerra, o exército ucraniano contava com 800 tanques de combate. A questão de saber onde realmente está o cursor entre um parque reduzido pela metade ou aumentado em 75% está longe de ser trivial. As contagens efetuadas podem não estar corretas e/ou as perdas ucranianas foram muito subestimadas. A questão pelo menos merece ser colocada e a resposta a esta aparente inconsistência irá provavelmente alterar significativamente a análise; e este é apenas um exemplo entre outros.

Além disso, as 12 brigadas ucranianas especialmente formadas para a contraofensiva estiveram todas empenhadas. Somente na frente sul de Orikhiv, 11 delas entraram em ação, incluindo seis das nove formados pelos ocidentais¹³. A partir de então, já não existem reservas suficientes para explorar um possível avanço e causar o colapso do exército russo.

⁷ Benoist Bihan, « Hier Irak-Iran, aujourd'hui Russie-Ukraine? », *Guerres et histoire* n° 74.

⁸ <https://velhogeneral.com.br/2022/11/14/o-que-significa-ter-armas-melhores/>

⁹ <https://www.oryxspioenkop.com>

¹⁰ <https://velhogeneral.com.br/2022/09/13/compilar-informacoes-de-fontes-abertas-nao-e-osint/>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=Z2dNUGuR5O4>

¹² Ver artigo do IHEDN.

¹³ https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=180u1IkUjtjpdJWnIC0AxTKSiqK4G6Pez&hl=en_US&ll=47.478165564652336%2C35.86581929817441&z=13

BIS REPETITIVO

Já na primavera de 2022, uma onda de otimismo espalhou-se pela imprensa ocidental. Muitos destes mesmos especialistas previram que a guerra terminaria no final do verão¹⁴ (ou ano) de 2022 e que todos ou quase todos os objetivos ucranianos seriam alcançados (apenas a Crimeia foi objeto de debate)¹⁵. O sucesso da ofensiva no norte, em direção a Kupyansk, e a retirada russa da margem oeste do Dnieper mascararam o fato de o exército ucraniano estar, no final de 2022, muito longe dos objetivos anunciados na primavera. No entanto, foram alcançados sucessos notáveis.

Perante as dificuldades da contraofensiva lançada em Julho de 2023, vimos surgir uma evolução gradual no discurso, com os observadores parecendo descobrir com surpresa que os russos tinham estado bem preparados, com linhas de defesa sólidas. Começamos então a ouvir falar de uma nova contraofensiva para a primavera/verão de 2024, que, graças aos caças F-16 e aos tanques M1 Abrams que seriam entregues a Kiev, deverá desta vez permitir aos ucranianos repelir os russos.

No entanto, até lá a Ucrânia terá de reconstituir uma força de trabalho que foi severamente testada desde julho de 2023 (o número real de perdas ainda é um dado muito bem escondido), e reequipar-se com materiais e munições. Durante este período, o exército russo também aproveitará a oportunidade para fortalecer suas defesas e reconstruir suas forças. Portanto, não é certo que à essa altura estaremos realmente mais avançados se a natureza e o volume da ajuda ocidental à Ucrânia permanecerem da mesma ordem.

POR QUE TANTA CEGUEIRA?

A maioria dos comentaristas que falam nos meios de comunicação ocidental defenderam publicamente a causa da Ucrânia, um país atacado pela Rússia. Esta posição é compreensível por si só. No entanto, este “compromisso político e moral” a favor de Kiev distorce muitas vezes suas análises, pois querem a vitória dos ucranianos. Pior ainda, esta ideia preconcebida levou tanto especialistas como jornalistas a desenvolverem uma intolerância militante em relação a tudo o que não acontece a seu modo.

Sua demonstração de apoio a Kiev chega ao ponto de negar o direito a outros observadores de expor elementos desfavoráveis ao exército ucraniano. Apenas seus pontos fortes, reais ou supostos, podem ser mencionados. No contexto desta guerra, a verdade deixou de ser “objetiva”, mas tornou-se moral ou política... Qualquer coisa que não siga o caminho pré-definido é necessariamente mentira ou desinformação e aqueles que expressam opiniões divergentes são, portanto, acusados de apoiar Putin. Sendo a Rússia descrita como um “império de mentiras”, quaisquer comentários favoráveis a ela são sistematicamente condenados e

¹⁴ https://www.lexpress.fr/monde/europe/general-ben-hodges-avant-la-fin-de-l-ete-l-ukraine-aura-gagne-la-guerre_2173500.html

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=I0srEaIcfQ&t=741s>

rejeitados, sem qualquer outra forma de verificação. Por outro lado, tudo o que vem dos ucranianos é necessariamente “a verdade”, mesmo que ninguém seja de fato enganado.

A melhor ilustração disto foi dada quando um colunista – cujo nome esqueci – declarou, em tom de brincadeira, em um canal de notícias: “Prefiro acreditar em uma mentira ucraniana a numa verdade russa”. Esta parcialidade escandalosa não é aceitável para quem pretende analisar o conflito, porque distorce a realidade. Mas não aderir a este credo tornou-se praticamente um crime para estes novos inquisidores. O mundo real nem sempre é o que queremos que seja. Numa guerra, não é o mais simpático ou o mais “moral” quem vence, é aquele que é mais forte no terreno.

* * * * *

A realidade não pode ser apagada para satisfazer as esperanças de um ou de outro. Os fatos são teimosos e não adianta ignorá-los, o fracasso tático da contraofensiva ucraniana é uma lembrança cruel disso. Na verdade, três meses e meio de contraofensiva sem progressos significativos ou ganhos territoriais são um fracasso tático! O exército de Kiev, onde mais progrediu – a sul de Orikhiv – só conseguiu criar uma saliência de aproximadamente dez por dez quilômetros, e mal atacou a primeira linha de defesa russa (há cinco ou seis para atravessar antes de chegar ao portões de Tokmak). Especialmente porque esta saliência é muito vulnerável e será muito dispendiosa de manter porque está inteiramente sob fogo russo.

Descrever a realidade da situação no terreno não significa apoiar a Rússia, é apenas uma observação factual desprovida de ideologia. O trabalho analítico deve ser neutro, desprovido de emoções e considerações morais; os fatos devem ser tratados pelo que são e não pelo que representam.

Enquanto os principais meios de comunicação não aceitarem que a realidade seja apresentada e que sejam expressas análises diferentes das suas, continuarão a sofrer de “ressaca”. À medida que este conflito evolui, a realidade corre o risco de corresponder cada vez menos à versão que queriam contar, selecionando seus oradores com base nas opiniões, apesar das evidências.

Publicado no [Cf2R](#).

**Olivier Dujardin é pesquisador associado do Cf2R (Centre Français de Recherche sur le Renseignement), chefe da seção de tecnologias e armamentos e consultor independente. Ele tem mais de 20 anos de experiência em guerra eletrônica, processamento de sinais de radar e análise de sistemas de armas. Ocupou cargos operacionais em guerra eletrônica, no estudo de sistemas de radar, guerra eletrônica e análise e coleta de sinais eletromagnéticos. Ele também ocupou o cargo de especialista técnico em sistemas de coleta SIGINT.*
